

A PELE EM CINCO ATOS

Ato Um - As unhas

Gosto de me desconhecer.

Olho ângulos indiscretos do meu corpo pelo espelho e experimento um sabor novo só porque é novo, sem recomendação ou cuidado. Fosse homem, eu teria barba ou bigode ou cavanhaque ou nada e assim poderia ser sempre outro para mim mesmo. Sou mulher, glabra onde devo ser, e por isso meu cabelo é longo: para que eu possa ser outra por fora, já que, dentro, sou sempre a mesma e sou sempre outra, simbiose perene.

As minhas unhas também são longas, às vezes vermelhas, pálidas, pretas... Mutáveis. A cada vez que o esmalte pousa ali, elas voam, se tornam autônomas, deixam de ser minhas. Fico fascinada com o seu movimento de borboletas inquietas que nunca páram e nunca vão. Há ocasião em que eu não as pinto para que elas possam me espantar também quando nuas.

Unhas me fascinam.

A sua, recém-cortada, está sobre a pia, branca e curva como uma lua que mingua e invoca o Neruda que o Chico quer de volta. As outras, ainda teimando no pico dos dedos, são ligeiramente sujas. Pertencem a mãos de artista, são unhas de lavrador da alma, têm sempre algo escuro sob a ponta ligeiramente projetada. Tinta, talvez. Um pouco de sangue? Eu apostaria em sangue humano e restos de pele, que os peritos em criminalística descobririam sob suas lâminas córneas ao investigar os investimentos da sua libido.

Você ri e já posso ver os seus dentes prontos a abocanhar um naco de carne disfarçando a rinha com o humor. Em algum momento neste lapso de noite, isto vai acontecer, mas por agora, o alicate continua seus estalidos ritmados, suas pontas de unha se fazem ao ar e eu sigo em busca do meu vinho.

O gato está deitado sobre o tapete na passagem para a sala. É um siamês de olhos azuis como o Buda Tântrico que me espia no meu quarto quando me deito. Unhar é um verbo muito querido para um gato, mas eu desconsidero a sua predileção e esfrego o meu pé naquela coisa lanuginosa e quente. O ato me faz estrangeira e cindida: tenho unhas vermelhas nos pés enquanto as mãos, discretas, as têm leitosas e claras. Afundo o pé

naquela pelúcia viva e os fios se imiscuem entre os meus dedos, os pedaços moventes de brilho rubro repousam quase escondidos pelos pêlos daquele estojo, jóias que não me pertencem.

Bebo o vinho ainda ouvindo o picotar do alicate.

Sei porque você quer suas unhas tão curtas. Você me avisou antes de descumprir o protocolo, deixar a sua acompanhante desacompanhada e vir sentar-se no banco ao meu lado, coxa com coxa, os olhos tão perto dos meus que eu podia ver as cores irisadas que centrifugavam das suas pupilas.

As minhas unhas são longas para arranhar, depois de fazer cócegas leves e escrever arabescos nas costas. Podem, sendo assim, concentrar todo o toque em um único ponto, a face interna do braço na altura do cotovelo, a dobra escondida atrás das orelhas. Eriçar um mamilo, o seu ou o meu, a compor-se: unhas e dentes, unha e carne. Já as suas...

Um dias antes do momento em que se alinhou na minha coxa, você declarou suas intenções, uma por uma, devagar como quem singra um mar de mel a nado, como se não estivéssemos em público. Ou principalmente porque estávamos. Você me descreveu nua sem nunca assim ter me visto e disse da cor da minha pele sob o biquíni, onde ela escurece levemente e os pontos em que é quase negra. Narrou meus sabores e foi onde eu mais me desconheci; eu não me sabia tão vária e jamais poderia sabê-lo.

Ainda sem me tocar, você planejou gestos e projetou atos sobre o meu corpo, ensaiou falas e revelou que cortaria as unhas para não enterrá-las em mim. Os dedos, sim, esses iriam escavar, submergir e emergir pelo percurso tantas vezes feito e sempre a desvendar. Você afirmou que me preencheria toda. Eu agora espero, enquanto bebo e inundo todas as minhas cavernas, o silêncio do alicate.

Ato Dois - Os pêlos

A ponte imensa furava a noite, num ato de violência que as luminárias de mercúrio revelavam em sua fuga dos postes. Não havia vento, mas, em noites de temporal, era possível ver que o concreto dançava sobre a água. Uma mulher debruçava-se ao parapeito, destacada pela moldura dos arcos que sustentavam a ponte bordada no céu.

A mulher estava imóvel. A brisa vinda da entrada da baía levantava os seus cabelos compridos e levemente encaracolados, desenhando uma versão da Medusa em plena melancolia. Os olhos, aquosos como o mar escuro abaixo, pareciam gotas que as ondas respingavam em direção à ponte. Por isso, o mar escutava.

A voz da mulher não era mais que um murmúrio a derramar-se da boca que mal abria frestas no rosto quieto. Era como se uma prece estivesse sendo debulhada no rosário das ondas, mas nenhuma prece poderia ser tão crua, nenhuma oração poderia entornar-se com tanto peso sobre a água muitos metros abaixo. A voz e o marulho da baía poluída eram um só segredo profundo que a mulher e o mar partilhavam.

Houve um tempo em que a mulher era menina, saia curta, cabelos compridos e um orgulho visceral por ostentar aqueles fios longos que quase lhe alcançavam a cintura. A mesma menina, no caminho pelo mato, mostrou aos primos ávidos o mistério escondido entre as pernas, e eles cheiraram, saborearam, lhe enfiaram os dedos. Isso doeu, engrolou-lhe os cabelos com gravetos e pó.

Surgiram pêlos e seios; a menina crescia, sempre tendo que manter as pernas juntas sob a saia agora comprida para não justificar desejos violentos em homens desconhecidos. Os desejos dos conhecidos já estavam instalados, e se manifestavam em mãos enormes e grosseiras que passeavam de surpresa pelas tetas nascentes e doridas, de súbito esticavam os elásticos da calcinha de algodão. A saia comprida, as pernas fechadas e o assalto tornavam tudo obscuro e vil.

Uva, pêra ou maçã? De quem vai ser esse beijo? A menina alta, de cabelo curto e *short* colado no corpo, não só lhe encostou lábio com lábio; escorregou a língua, e foi estranha a sensação de umidade e uma certa aspereza macia dentro da boca, os pelinhos sedosos do buço fazendo cócega. Um beijo único entre as duas, logo substituído por diálogos cheios de solidão compartilhada no prazer de quem se toca e expõe o seu toque para a outra.

Várias mulheres faziam contas no rosário, desfiadas em gozo e espuma no mar abaixo. Alguns homens eram ladários por segurá-la pelos cabelos e lhe pentearem, com a virilha, os pelos grossos do monte-de-vênus. Uma delas foi sua por uma década, foi seu o corpo liso, os seios trêmulos, a nuca descoberta, alvo de dentes e beijos. Agora, havia um deles.

Ele era a invocação daquela litania pagã. Não por suas sobrancelhas grossas e definidas como carvão, nem pelo peito sombreado de penugem, o resquício de barba. O cabelo chegava aos ombros, e ele era magro e resistente como um corredor de maratona. As pernas eram compridas. Os pentelhos, abundantes. Ele gostava de bater.

O *site* selecionava os participantes por categoria: os que dominam, quem vai ser subjugado, aqueles que preferem uma versão *light* da prática, os adeptos do jogo pesado. Ela o encontrou entre os que buscavam apenas diversão. O que era um mero esbarrar virtual se transformou em noites intermináveis de fantasias tecladas, sugestões de apetrechos quase inocentes, posições que se assumem e se reverterem como em *role playing games* de elenco reduzido.

Enfim, o primeiro encontro, só ele identificável; ela, secreta por segurança. Ele era muito jovem, mal saído da adolescência, um ar espantado que só a falta de experiência pode conceder. Sem medo, ela se mostrou.

Os dois saíram da lanchonete em que tinham marcado encontro direto para um motel sórdido e barato. O rapaz tinha tanta pressa que atacou boca e roupas ao mesmo tempo, rompendo costuras precárias e sustando o fluxo do ar, mas ela impôs calma. Postou a mão entre as bocas, afastou o peito dele do seu e tirou o cinto da calça que usava. Uniu os pulsos do rapaz e os atou a uma arandela que persistia na parede. Beijou-o todo, minuciosamente, o peito, as coxas, o sexo. Ele não suportou a tortura e se desfez em jatos claros sobre o rosto da mulher. Livre, repetiu cada gesto para ela.

No início, uma semana era o intervalo para um novo episódio. Durante algum tempo, ele aprendeu. Depois, foi ganhando autonomia de jogo, já trazia novos brinquedos e os aplicava nela sem mais aviso. Agora, os braços e as pernas dela eram amarrados em cruz, ela de bruços sobre a cama, assim que ele lhe raspava os pêlos. O cinto virou chicote, e não cantava mais só uma vez por semana, mas duas, três, quatro, sempre na pele dela, e eles já não podiam viver separados. Ela deixou a companhia de uma década; ele saiu da casa dos pais.

A dor era então parceira do orgasmo, pimenta que uma vez na boca é leve, muitas vezes provada queima as entranhas e, sem ela, a comida perde sabor. Ela já vestia mangas compridas junto às calças de sempre; ele já nada pedia, pois nada lhe era negado. A vontade dos dois, agora, era a dele, e o corpo da mulher se perdia em experiências com muitos

objetos, variadas substâncias e outros corpos de quem ela nunca sabia o nome. O segredo dela agora vertia sangue e pintava hematomas na pele, e distendia em surdina a sua barriga prenhe.

O terço líquido ainda guiava a oração inaudível quando o marulho começou a crescer em intensidade. As ondas foram ficando mais crespas e o cabelo da mulher sobre a ponte já não flutuava; flamulava de um lado para o outro, chicoteando seus olhos, socando-lhe boca. O mar, assim, entoou nova prece e um rugido baixinho fez-se ouvir para a ponte dançar em parilha com o vento no escuro.

Ato Três - Os tímpanos

A mulher presumível e desconhecida levou-me a uma sala totalmente escura, exceto por um pequeno ponto de luz vermelho na parede oposta, bem distante de mim. Ela fez-me sentar numa poltrona veludosa e se afastou. Havia um tapete felpudo aos meus pés e, perto do ponto de luz, eu vislumbrava o contorno de objetos jogados no chão, mas não distinguia nada direito. Outras pessoas também entravam, algumas estavam já sentadas, embora todos fossem indistintos na escuridão. Aguardamos em silêncio. Ninguém tinha contato comigo, mas eu estava completamente alerta.

Alguém que eu não via pegou a minha mão e me serviu vinho branco gelado numa taça de vidro. Comecei a beber. Depois, um incenso foi aceso e uma mulher começou a falar, com uma voz meio grave e uma pronúncia bastante clara em meio àquele negror absoluto. Se eu fechasse os olhos, só perderia de vista o ponto vermelho e a brasa do incenso. Então, me recostei na poltrona e os fechei. Era, enfim, toda ouvidos.

A mulher perguntou, aparentemente para ninguém:

“Você sempre faz isso?”

Um homem respondeu, como se estivesse em outro lugar, a voz amplificada por meio de um alto-falante voltado para sala onde estávamos. Senti-me como se flagrasse uma conversa ao telefone.

"Nunca fiz, não deste jeito. Mas me interessei por você", ele respondeu.

A conversa tinha um tom erótico e, ao mesmo tempo, pouco íntimo. Eram dois desconhecidos que se provavam. Ela disse que estava deitada e perguntou como ele estava vestido.

“Com um roupão”, disse ele. Ela:

“Estou nua”.

O diálogo começou a alterar o meu fôlego. Eu nunca tinha ouvido algo assim nem em filmes pornográficos. Eu nunca tinha lido aquilo nem em revistas de sacanagem. Era a mulher quem falava as coisas mais pesadas, mais cruas:

"Como você gosta de trepar? Com quem? Com quantos?"

A mulher não tinha interditos. Perguntou onde ele mais gostava de fazer, que parte do corpo preferia comer, que cheiros aspirava. Ele estava um tanto reticente e ela foi ficando meio puta com aquela parcimônia toda:

“Vai me dizer que você nunca pensou em enrabar uma mulher enquanto outro mete pela frente?”. E ele:

“Bem, até pensei, mas daí a fazer...”.

"Você é muito certinho."

"Você fala de um jeito...!".

Ela riu e continuou a proferir escatologias enquanto acendia um baseado e o fumava inteirinho na nossa frente. Depois, começou a se deslocar pela sala até que a sua voz chegou bem perto de mim. Ainda falando, ela sentou-se no chão à minha frente, encostou-se nas minhas pernas, passou-me por cima dos pés o que parecia ser um telefone e deitou a cabeça no meu colo.

Para quem já estava em tensão crescente, aquela proximidade disparou todos os alarmes. Eu tentava imaginar o próximo ato e, ao mesmo tempo, ouvir a narrativa desatada de memórias e fantasias lúbricas.

Sem parar de falar, ela entregou-me uma outra taça de vinho, uma taça de cristal, com entalhes finos na superfície. Dentro, o odor de um vinho tinto encorpado. Fora, a taça estava toda melada. Era uma substância escorregadia, com a consistência de lubrificante. Vaselina... ou algo orgânico? Minhas mãos ficaram lambuzadas. Desconfiei do corpo dela, que devia estar reagindo como o meu. Aquela taça tinha cheiro de mulher. E o vinho era surpreendentemente bom.

Ato Quatro - A epiderme

São onze e meia da noite.

O homem recostado no balcão toma mais um gole de café coado por tantas crises existenciais rotineiras. Ele veste preto na camisa de malha de gola alta e na calça de tecido macio. Lá fora, a noite é pesada, sufoca tudo - sons, luzes, vidas. Há pouco, um grupo de felizes idiotas entrou no bar celebrando nada; se a morte espreita na próxima esquina, isso nunca importa, já que é possível esquecê-la enquanto a vida o permite. Agora, porém, o bar está praticamente vazio e o único garçom limpa copos como se polisse prata.

A porta, que tem um sino no topo, abre-se com o barulho do trenó de um papai noel extemporâneo. Uma mulher entra e recebe os olhares de todos, garçom, *barman*, alguns poucos fregueses e o homem ao balcão. Esta é a finalidade do sino, mas nem precisaria dele, pois o silêncio da noite faria qualquer passo soar como uma britadeira no chão de tábuas corridas. Ainda mais quando o salto é alto, a perna é longa, a saia mal cobre os joelhos e o decote parece espiar por entre os seios. É assim que a mulher chama a atenção do homem que bebe o café.

Os olhos dele desmentem a impressão de relaxamento que o corpo transmite. As pálpebras apertadas, o ângulo lateral e a decisão do olhar são de predador urbano, improvável porém ali. Sem se mover, ele olha a blusa preta, sedosa, abotoada na frente só até a metade do vão dos seios, que têm bom tamanho. As mangas estão dobradas nos cotovelos, o que faz o olhar desviar-se para a cintura fina e a saia ajustada ao corpo, de um tom vermelho-escuro e textura cremosa. Quadris largos, mas não muito. Meia fina preta, sapatos pretos aveludados com uma tira em volta dos tornozelos, saltos finos. Panturrilhas definidas. Executiva gostosa.

Só então o homem volta o olhar para o rosto, pousando a xícara no balcão. Ela tem cabelos pretos que caem em cachos sobre as omoplatas e um rosto agradável, não bonito exatamente, talvez mais para interessante. A pele é morena, a boca, carnuda. Os cílios baixos não deixam ver a cor dos olhos e, de qualquer modo, o bar é muito escuro para deixar distinguir detalhes àquela distância.

Quando o garçom se aproxima da mulher para atendê-la, a conversa é breve. Ele lhe diz alguma coisa e ela segue em direção aos fundos do bar, desaparecendo por uma porta semi-escondida. Depois de poucos instantes, o garçom faz um sinal ao homem no balcão, que paga a conta e segue na mesma direção da mulher.

Após a porta, há um corredor longo com uma escada no fim. O homem sobe os degraus e atravessa um pequeno saguão com três portas. Sem hesitação, abre uma delas. É uma ante-sala pequena, com uma poltrona e uma mesinha de apoio com abajur. A luz amarela lança sombras sobre a parede de cor terrosa. Um umbral dá passagem para outro ambiente, cheio de tapetes e almofadas espalhadas pelo chão, cortinas e espelhos cobrindo as paredes. É possível reconhecer o estilo indiano nas estamparias e objetos. Lá dentro, a luz tremula; é de velas.

Quando atravessa o umbral, o homem a vê. Ela está de pé, de costas para a entrada, as pernas um pouco afastadas e as mãos ao longo do corpo. Um pequeno tremor indica que ela ouviu o homem entrando, mas é só isso; ela não se volta. Ele aproxima-se até aquecer a nuca dela com o hálito. Tira um canivete do bolso, abre-o e o encosta no pescoço fino. Agora, o arrepio na pele dela é visível e, mesmo assim, ela não se vira. O canivete, de lâmina exposta, desce devagar pela lateral do corpo dela num deslizar suave, e se detém ao chegar à barra da saia, que o homem levanta com a mão e, num movimento rápido, corta, abrindo uma enorme fenda até o cós. A saia vai ao chão.

Ela está de cinta-liga preta. A calcinha, também preta, é minúscula, e mais uma vez, o canivete corta o tecido. A calcinha cai.

O homem se aproxima mais e encosta todo o corpo nas costas dela, os braços à volta do corpo esguio. Ele se aproxima com o canivete, vai arrancando botão por botão da blusa, começando por baixo. Ao chegar ao último, a blusa abre-se completamente. O canivete desliza entre os seios, por baixo do sutiã. Um golpe seco e também o sutiã se rompe. A mão dele corre por baixo do cabelo dela e pega a blusa pela gola, puxando-a para trás. A blusa plaina até o chão. Ainda segurando o canivete, enfia os polegares por sob as alças do sutiã inútil e o remove.

A mulher agora está nua. A cinta-liga, as meias e os sapatos altos só enfatizam sua nudez.

O homem cola novamente o corpo ao dela por trás e passa-lhe o canivete pela orelha em direção à boca. Pressiona levemente os lábios entreabertos e desce com a folha da arma pela epiderme. O pescoço. Um dos seios. A carne freme com o movimento. Ela está excitada; ele sente o seu cheiro. O canivete passeia pela barriga e dá a volta no quadril. O homem se afasta um pouco e vira o canivete, encostando o dorso da arma nela. Desenha um traço em direção à bunda. Ali, entre as duas covinhas, no vão, ele deixa o canivete escorregar um pouco ao longo. A mulher prende a respiração. Uma película fina de suor cobre a sua pele.

O homem, ainda vestido, afasta o canivete e gira lentamente a mulher. Quer ver a cor dos olhos, mas enxerga primeiro a boca. Vermelho-cereja. Os dentes que mordiscam os lábios são alvos e brilhantes. Ela agora respira rápido. Ele a pega forte pela cintura com o braço e gruda os dois quadris. Com a outra mão, agarra seus cabelos. Força um pouco a cabeça para trás. Ela solta um gemido abafado e abre mais a boca, à espera do beijo. Seus olhos desejam com violência em meio a pestanas longas e espessas. À luz de velas, fica difícil enxergar nuances, mas o homem não tem nenhuma dúvida: o tom daqueles olhos é *noir*.

Ato Cinco - As mucosas

Assim você me quer: de quatro, lendo Charles Bukowski, gemendo Bukowski enquanto você me segura por trás, o braço a volta da minha cintura, o peito decalcando as minhas costas, você dentro de mim. Não posso ver seu rosto porque leio. Não escuto sua respiração, mas ouço a minha voz, que entrecorta imagens de mãos espalmadas, línguas entre os dedos, você, Bukowski, portentoso nariz que se mete em tudo, cheira, provoca, empurra e de repente se faz volátil. Onde você está? Este trecho da minha pele descoberta sente frio. O silêncio faz suspense. Você sai.

Fecho o Bukowski e me sento sobre os pés ainda alheada e você, sem rosto. Existe uma razão forte o bastante para que eu recite em voz alta a lava das minhas entranhas: o erotismo que você recende. Quando me olha, você tateia meu corpo como se escrevesse poemas, dedilhados sobre a minha pele com calma, imenso vagar, apreciando os relevos, a

textura e o calor. Você tem o poder de transformar a realidade mais concreta no material maleável e úmido dos sonhos.

Agora é Henry Miller que me aborda pelo flanco, a página já marcada para a minha fala, a fita vermelha é a minha deixa. Você me empurra novamente sobre os joelhos em ângulo reto com as coxas e me deixa assim, exposta, o livro sobre a cama, eu sobre o livro, você... onde? É indecente o que leio. É visceral. Escuto a minha própria fantasia na palavra de outro e com o meu timbre. Sua deixa: minha voz. Você segue o roteiro e não me cobre. Suas mãos, pinças quentes, torcem meus quadris e me prendem. Agora você vem de uma só vez, sem preâmbulos, inteiro. Eu engasgo e você me bate de leve na bunda. Não posso deixar de ler. Não quero. Você não quer. As letras me sacaneiam porque pululam na minha frente, insanas, e só posso enunciar uma enorme lista de adjetivos banais, e tudo é quente, rijo, grande, inquieto, liso, molhado, insistente, bom, bom, bom... Urge. Você percebe e de novo sai.

Se caio em cima do Miller é porque me sinto sugada. A tinta das letras me atrai como um buraco negro, o cheiro do papel é inebriante, mas eu não sei bem porque ele toca meus alvéolos com todo esse impacto. Quero ser Anaïs e deixo as páginas lamberem os meus seios, me impregnarem com celulose e chumbo, ásperas bordas endurecendo um mamilo já inchado, e eu ainda insinuo vocábulos soltos, aqui, agora, já. Mas você não quer.

A sua língua, vórtice, pára. Sua boca vem para perto da minha e sinto seu peso em cada célula do meu corpo e não compreendo. O que você faz agora em todo lugar de mim se me abandonou ali? Deito-me e meus seios imprimem conchas no colchão. Agora, sim, você me cobre e o Miller se debate furioso sob nós. O silêncio se retrai. A sua fala não tem que vencer espaços, é um ente concreto pressionando a minha orelha e percutindo meu tímpano de tão perto que sinto o volume e o peso de cada sílaba.

É dentro da minha cóclea que você diz, todo lábios, língua, saliva: minha e meu, bico e belisco, gosto forte viscoso. Suas pernas se postam entre as minhas e as afastam, e você já está de novo dentro, mucosa contra mucosa, e continua a me dizer que eu fique quieta, não olhe, é noite dentro de mim e há um vigor que me penetra bem ao meio, me arranca de um sono sem sonhos para sonhar em vigília porque não há lógica que guie este falo, e não existe barragem que estie essa vulva.